

# **A IMPRENSA ALTERNATIVA DURANTE A DITADURA MILITAR NO BRASIL (1964-1984): UM OLHAR HISTORIOGRÁFICO**

**Sérgio Luiz da Silva Mendes<sup>1</sup>**

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil  
Universidade Federal do Piauí  
[sergio\\_gol7@hotmail.com](mailto:sergio_gol7@hotmail.com)

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo principal investigar como parte da historiografia brasileira conceituou a imprensa alternativa brasileira durante os anos da ditadura militar (1964-1984), bem como apresentar como parte da historiografia recente escolhida por nós descreve as principais características deste tipo de mídia que também ficou conhecida como “imprensa nanica”. Para o intento dialoga com autores que trataram desta temática, e que são referências quando o assunto é imprensa alternativa, tais como: Bernardo Kucinski, Maria Paula Nascimento Araujo, Alzira Alves de Abreu, dentre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imprensa alternativa. Ditadura militar. Historiografia brasileira.

**ABSTRACT:** This paper aims at investigating how the Brazilian historiography conceptualized the alternative press during the years of Brazilian military dictatorship (1964-1984). We intend to present as part of recent historiography describes the chosen by characteristics of this type of media that was also known as " Press dwarf. " For the purpose dialog with the authors who treated this subject, and references that are when it comes to alternative media, such as Bernardo Kucinski, Maria Paula Nascimento Araújo, Alzira Alves de Abreu, among others.

**KEY-WORDS:** Alternative Press. Military dictatorship. Brazilian historiography.

Durante o período da ditadura militar no Brasil (1964-1984) um veículo de comunicação se destacou entre os demais justamente por ser uma espécie de mídia que, de certa forma, “atacou” o governo brasileiro mostrando em suas matérias alguns males cometidos por esta forma de governo<sup>2</sup>. Este veículo de comunicação ficou conhecido como imprensa alternativa ou “imprensa nanica”. O presente artigo tem como objetivo

---

<sup>1</sup> Sob orientação da prof<sup>a</sup>. Dr. Claudia Fontineles. Atualmente integra o Grupo de Pesquisa História e Teatro (CNPq).

<sup>2</sup> Sobre a implantação do golpe militar durante o ano de 1964, ver: (SKIDMORE, 1988). Sobre a força da imprensa alternativa durante o período do governo militar no Brasil (1964-1984), ver: (KUCINSKI, 2003).

principal apresentar como alguns autores representaram<sup>3</sup> a imprensa alternativa brasileira do período ditatorial, ou seja, que imagens, conceitos e características podemos extrair da imprensa alternativa quando entramos em contato com os textos de Bernardo Kucinski (*Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*, 2003); Maria Paula Nascimento Araújo (*A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*, 2000); Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca (*História da imprensa no Brasil*, 2008); Alzira Alves de Abreu (*A modernização da imprensa: 1970-2000*, 2002) e Patrícia Marcondes de Barros (*A Imprensa Alternativa nos “anos de Chumbo”*, 2003).

É preciso lembrar que, ao longo do tempo, a História tem ampliado suas correntes, seus campos temáticos, seus objetos de estudo<sup>4</sup>. E um dos aspectos que atualmente merecem destaque é a aproximação da História com outras áreas de conhecimento (Antropologia, Comunicação Social, Psicologia, dentre outras), que em grande medida auxiliaram os historiadores em suas pesquisas e produções acadêmicas. Novas fontes foram sendo utilizadas e trabalhadas pelos historiadores para a construção do conhecimento histórico. Os historiadores, de posse dessas novas fontes, tiveram que ampliar seus métodos. Agora, a maneira como o historiador aborda determinada fonte, a maneira como a questiona, ou a problematiza pode fazer com que qualquer documento possa vir a ser utilizado na produção de conhecimento histórico. Neste artigo, o que está em questão é como alguns historiadores, de posse de determinados jornais rotulados de alternativos, conceituaram e caracterizaram um segmento da imprensa jornalística veiculada durante o período da ditadura militar no Brasil.

Para iniciarmos nossas reflexões acerca da imprensa alternativa, analisaremos o livro organizado pela Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca intitulado *História da Imprensa no Brasil*, mais precisamente o capítulo denominado de Imprensa Alternativa: Opinião, Movimento e Em Tempo, escrito por Flávio Aguiar (2008)<sup>5</sup>.

Em primeiro lugar, Flávio Aguiar afirma que a nomenclatura “Imprensa Alternativa”, não é própria do período ditatorial, muito antes disso, durante o início do século XIX, o termo “alternativo” já se fazia presente no Brasil.

---

<sup>3</sup> Sobre o conceito de representação, ver: (PESAVENTO, 2004).

<sup>4</sup> Esta discussão sobre o que alguns autores vão denominar de “virada Historiográfica” e, a discussão sobre a ampliação das correntes, campos temáticos, objetos de estudo e fontes, ver: (PESAVENTO, 2004).

<sup>5</sup> Flávio Aguiar é professor aposentado da FFLCH/USP e pesquisador do programa de pós-graduação em Literatura Brasileira da mesma universidade, foi editor de Cultura do jornal alternativo *Movimento* e colaborador de diversos jornais alternativos durante a ditadura de 1964.

A própria imprensa brasileira começou com um alternativo, o Correio Braziliense, fundado por Hipólito Jose da Costa em 1808, em Londres, entre outras coisas para lutar pela independência do nosso então futuro país, [...]. Durante o Império houve vários alternativos. [...]. Na Primeira República também houve alternativos, [...]. (AGUIAR, 2008: 234)

É interessante este relato, pois quando a expressão “imprensa alternativa” é dita atualmente, creio que a imagem que vem à cabeça da maioria das pessoas é a imprensa alternativa que emergiu durante o período ditatorial brasileiro. O autor apresenta ainda alguns exemplos de alternativos surgidos no Brasil, antes mesmo da implantação do governo militar, em meados dos anos 1960 e, em sua escrita, já podemos observar uma característica da Imprensa alternativa brasileira, tanto antes do regime militar como depois dele: a efemeridade. Aliás, esta parece ser uma das principais características destes periódicos, a sua vida curta, os jornais alternativos nascem e duram relativamente pouco tempo.

Os alternativos são o exemplo de uma característica da vida cultural brasileira: a continuidade na descontinuidade. Isto é, os jornais e revistas surgem, duram relativamente pouco tempo, uns mais, outros menos, mas sempre estão de volta, e às vezes quando menos se espera. E que se opõem à pretensão hegemônica da imprensa de espírito oligarca e ideologia liberal, hoje neoliberal, que é a dominante no Brasil. (AGUIAR, 2008: 235)

Outra característica da imprensa alternativa já pode ser observada após esta citação: o discurso contra-hegemônico. E aqui, ela é apresentada como uma mídia que vai lutar contra a imprensa, qualquer que seja ela, com pretensões hegemônicas, ainda mais aquelas que têm como objetivo principal pregar os ideais liberais ou neoliberais.

Um caso interessante sobre imprensa alternativa antes do período ditatorial de 1964 é relatado por Flávio Aguiar; este relato diz respeito ao alternativo *Última Hora*, do jornalista Samuel Wainer. Este jornal surgiu durante o segundo governo Vargas e, segundo o autor, tinha como objetivo “contrapor ao coro unânime da imprensa conservadora e golpista que queria a deposição do presidente” (AGUIAR, 2008: 234). Mesmo sendo um jornal que tinha características da “grande imprensa”, era contra os discursos que se queriam hegemônicos, discursos esses que pregavam a ideologia capitalista, por isso, foi denominado de alternativo.

O *Última Hora* acabou depredado e fechado após o golpe de 1964. Por conta deste evento, segundo Flávio Aguiar, a palavra “alternativo” passou a ser associada a posição antigovernista, ou seja, aparece aqui mais uma característica ou conceito de imprensa alternativa. O que antes era tido como uma mídia contra-hegemônica, vira agora uma mídia antigovernista, uma mídia que seria um veículo ou um instrumento que teria como objetivo lutar contra o governo da ditadura militar. Isto, de certa forma, explica a questão inicial a qual me referia de que a palavra alternativa nos remete à imprensa do período ditatorial.

Mas o que teria acontecido para que a imprensa alternativa se destacasse tanto no período ditatorial? Por que a palavra “alternativo” nos remete aos anos do governo militar? Flávio Aguiar nos aponta alguns fatos, que, em certa medida, nos explicam estes questionamentos. Em primeiro lugar, com a ditadura e a crescente onda de censura, grande parte dos jornalistas ficaram impedidos de escrever o que queriam, fazendo com que muitos destes saíssem dos jornais de grande circulação e buscassem formas ou espaços alternativos para terem a liberdade de escrever o que pensavam ou o que sabiam e não tinham mais esta possibilidade nos jornais tradicionais, já que estes foram cooptados ou censurados pela ditadura militar.

Então, uma realidade se fazia presente, bons jornalistas disponíveis e a procura de realização pessoal: escrever livremente. Somado a este fator, existem disponíveis, no mercado, meios de produção baratos (como o offset, o xérox, o fax) facilitando, dessa forma, o surgimento de jornais alternativos em quase todo o Brasil. Flávio Aguiar faz um resumo interessante acerca disso:

A conjugação desses fatores – massa de produtores insatisfeitos com suas condições de trabalho, meios técnicos em transformação, massa de leitores insatisfeitos com o que liam – foi o caldo de cultura favorável para a proliferação da imprensa alternativa que, pela primeira vez, recebeu este nome, ao lado de outro, ‘imprensa nanica’ dado pelo escritor João Antonio, numa alusão ao episódio bíblico de Davi e Golias. (AGUIAR, 2008: 237)

Nessa citação, encontramos um ponto importante, o autor afirma que pela primeira vez esta imprensa, desligada da grande imprensa, recebe o nome de alternativa ou de “nanica”. E dentro desse contexto, ditadura militar, surgiram vários jornais que receberiam esta nomenclatura, tais como *o Pif-Paf*, *O Pasquim*, *o Em Tempo*, *o Movimento*, *Pato Macho*, *Resistência*, *Bondinho*, *Coojornal*, *Versus*, *Opinião* etc., mas

as perguntas são: todos tinham a mesma linguagem? Todos possuíam as mesmas características? Haveria diferença entre eles? Quais? Flávio Aguiar detém sua análise em três jornais alternativos, sendo eles o *Opinião* (que teve início antes da instalação da censura prévia), o *Movimento* (o qual nasceu após a censura prévia) e o jornal *Em Tempo* (que já emerge durante o período da distensão lenta e gradual da ditadura).

Flávio Aguiar inicia um subtópico intitulado *De pai para filho* escrevendo o seguinte: “Ainda que um tivesse originado o outro, que originou o terceiro outro, *Opinião*, *Movimento* e *Em Tempo* eram muito diferentes entre si.”(AGUIAR, 2008: 238-239). Portanto, para o autor, mesmo sendo jornais alternativos fundados quase que pelos mesmos jornalistas, existem diferenças entre eles. E entre algumas delas é possível citar as estéticas gráficas (incluindo a apresentação textual), uns possuíam textos densos e longos, enquanto outros já possuíam uma linguagem mais popular, com textos curtos.

Com relação ao formato dos jornais também havia diferenças. O *Em Tempo*, por exemplo, tinha um formato estandarte (folhas grandes) dissonante, portanto, da maioria dos jornais alternativos, que eram impressos ou mimeografados em formatos tablóides (pequenos). Outra diferença que pode ser apontada é a própria concepção política que os jornalistas dos mais diversos jornais alternativos possuíam. Uns eram partidários de um socialismo utópico, outros eram marxista-leninistas, ou de esquerda trotskista. Este é inclusive um dos motivos de rachas e fechamentos de alguns jornais alternativos, pois os interesses políticos acabavam por criar disputas entre os jornalistas de um mesmo jornal, fazendo com que o mesmo não resistisse às tensões internas. E sobre o fim da imprensa alternativa? O que Flávio Aguiar aponta como fator que levaria à “morte” este tipo de imprensa? Segundo Aguiar:

A redemocratização do país, que culminou com a promulgação da Constituição de 1988, embora então rejeitada pelo próprio Partido dos Trabalhadores, marcou o fim desse tipo de imprensa alternativa, constituído em torno de frentes jornalísticas que recobriam articulações e enfrentamentos de bastidor entre concepções distintas e organizações que se fragmentavam de acordo com confrontos internos e as necessidades de sobrevivência diante da repressão feroz da ditadura de 1964. (AGUIAR, 2008: 246)

Portanto, para o autor, a imprensa alternativa chegou ao fim, porque a ditadura também havia chegado ao seu. Além disso, fica subtendido que a imprensa alternativa era realizada por jornalistas ligados à esquerda, e esta, impedida de militar durante o

período ditatorial, se utilizava deste tipo de veículo de comunicação para propagar suas ideias. Com o fim do regime militar este tipo de prática já não era mais necessário.

Retomando os questionamentos centrais deste artigo, encontram-se os posicionamentos acerca da imprensa alternativa agora sob a óptica de Alzira Alves de Abreu em seu livro intitulado de *A modernização da imprensa (1970-2000)*, mais especificamente nos capítulos *A imprensa e o regime militar* e *A imprensa e a abertura*.

Na realidade, o foco principal de Alzira Alves de Abreu (2002) não é a imprensa alternativa e sim a imprensa como um todo e seu processo de modernização, porém, no pouco espaço que ela destina à “imprensa nanica”, é possível extrair alguns pontos que são fundamentais acerca deste assunto.

No primeiro momento, a autora aborda de forma rápida o processo de instalação do regime autoritário-militar e como “a imprensa de maior prestígio e circulação foi um dos suportes estratégicos do movimento que derrubou o regime constitucional” (ABREU, 2002: 13). Mais adiante, escreve que “com a subida dos militares ao poder, teve início um período de repressão política, que levaria à prisão dos opositores do regime e à censura à imprensa” (ABREU, 2002: 14). E aqui temos um fato que se configura como incontestável: a restrição à liberdade de expressão é um dos pontos fundamentais para a emergência da imprensa alternativa.

Mas o que afirma esta autora sobre o surgimento e as características da imprensa alternativa a qual estava inserida no contexto da ditadura militar no Brasil durante os anos de 1964 a 1984? A resposta encontrada, é a seguinte:

[...]. Surgiu no momento em que se tornou visível o fracasso da luta armada, e foi através dela que muitos jornalistas, intelectuais e ex-militantes tentaram construir um espaço legal de resistência política, além de uma frente de trabalho alternativo à imprensa comercial e à universidade. Muitos dos jornais tinham o formão de tablóide, e as tiragens eram irregulares. Alguns eram vendidos em bancas, outros circulavam entre os membros de partidos ou movimentos de esquerda clandestinos. As organizações de esquerda, como estavam impedidas pela censura de divulgar suas posições políticas e suas críticas ao regime, utilizavam a imprensa alternativa com esse fim. Tais jornais foram responsáveis pela formação de muitos jovens jornalistas que depois continuaram sua carreira profissional na imprensa. [...]. (ABREU, 2002: 19-20)

Um aspecto interessante, citado pela autora, diz respeito ao momento em que é necessário o surgimento da “imprensa nanica”, e este momento está ligado ao fracasso da luta armada. Esta luta armada contra a ditadura militar é protagonizada, em larga

medida, por pessoas adeptas ou simpatizantes dos ideais socialistas<sup>6</sup>, ou seja, com esta afirmativa podemos concluir que a imprensa alternativa foi formada por jornalistas ligados a ideologias de esquerda. Mas, a imprensa alternativa só apresentava e representava os ideais socialistas? Este “espaço de resistência” política foi utilizado apenas por jornalistas ou organizações de esquerda? Estes questionamentos serão melhor explorados quando trabalharmos os livros de Maria Paula Nascimento Araújo (2000) e de Bernardo Kucinski (2003), por enquanto vamos deter nossas reflexões no texto de Alzira Abreu.

Continuando, podemos visualizar outras características da imprensa alternativa, segundo a autora, como por exemplo, o formato dos mesmos que aqui é citado apenas o formato tablóide, o qual acabou sendo uma das características mais presentes e mais marcantes deste tipo de imprensa. O formato pequeno conferiu à imprensa alternativa, como vimos anteriormente, a nomenclatura de “nanica”, o que não significa dizer que seu conteúdo pudesse ser ignorado, ou que fosse de menor importância. Longe disso, a imprensa alternativa figurou neste período como um dos principais instrumentos de luta política contra a ditadura militar.

Outro ponto importante a ser ressaltado é com relação às tiragens dos jornais alternativos. A grande maioria tinha tiragens irregulares, o que significa dizer ou implica dizer que o lucro não era garantia para quem era dono ou para aqueles que trabalhavam com a imprensa alternativa. Podemos avaliar, a partir destas informações retiradas do texto de Alzira Abreu, que os jornalistas que participavam deste tipo de imprensa não estavam interessados em lucrar com a venda dos pasquins. Eles queriam divulgar seus pensamentos, suas ideias, seus posicionamentos com relação ao que estava acontecendo no país, já que até mesmo alguns jornais circulavam somente entre os membros de partidos ou movimentos de esquerda.

Entre os jornais alternativos citados por Alzira de Abreu que mereceram lugar de destaque quanto à atuação política são: *O Pasquim*, *Movimento*, *Opinião*, *Coojornal*, *Versus* e *Em Tempo*. *O Pasquim*, segundo a autora, fugia um pouco à regra da maioria dos jornais alternativos, pois suas tiragens atingiram um número significativo de 100 mil exemplares, chegando a circular em várias regiões do Brasil, o que já representava um grande avanço para os jornalistas que participavam do jornal.

---

<sup>6</sup> Sobre mais informações sobre as guerrilhas e lutas armadas, ver: (SKIDMORE, 1988).

E com relação ao conteúdo da imprensa alternativa? Que matérias eram veiculadas? Quais assuntos, além da política, poderiam ser encontrados neste veículo de comunicação? Quais eram as estratégias utilizadas por estes jornais para chamar a atenção dos possíveis leitores? Alzira Abreu apresenta algumas características do *Pasquim*, escrevendo que este se utilizava de “charges e sátiras políticas, e seu texto era repleto de ironias e sarcasmos dirigidos ao regime militar”. (ABREU, 2002: 20)

O que a autora afirmou sobre o *Pasquim* não se aplicava a todos os jornais alternativos, mas este, por seu grande destaque acabou por influenciar grande parte desses jornais. Sobre os assuntos abordados por este tipo de mídia, a autora generaliza, escrevendo que: “Todos esses veículos publicavam matérias de investigação sobre os mais variados temas, como condições de vida dos trabalhadores, situação das empresas, poluição ambiental etc.” (ABREU, 2002: 20)

Passamos agora a analisar o texto de Patrícia Marcondes de Barros intitulado “A imprensa alternativa brasileira nos ‘anos de chumbo’”. Neste texto a autora trabalha com a imprensa alternativa ligada ao movimento contracultural no Brasil durante o período da ditadura militar (1964-1984).

Patrícia M. de Barros inicia seu trabalho abordando o ano de 1968, descrevendo-o como um ano em que os militares intensificaram a repressão, devido a algumas manifestações que estavam acontecendo no Brasil e que, em grande medida, os incomodava. Entre as manifestações podemos citar as passeatas, os movimentos estudantis, as oposições armadas e a rebeldia generalizada que estavam acometendo o mundo devido às ideias contraculturais. Dentro deste contexto, a autora vai inserir nosso objeto de discussão (a imprensa alternativa) definindo-o como um dos meios de comunicação em que as pessoas puderam expressar suas ideias “livremente”.

Entre os meios encontrados para a expressão livre das ideias, neste contexto, estavam a chamada imprensa alternativa designada também de *underground*, tropicalista, marginal, nanica, não-alinhada, emergente, poesia jovem, entre outros vocábulos com suas múltiplas conotações e contradições, usados genericamente como sinônimos perfeitos de produção literária independente. (BARROS, 2003: 63)

Além de definir a imprensa alternativa como um dos meios para a expressão livre das ideias, a autora nos apresenta um ponto interessante acerca da imprensa alternativa: suas outras nomenclaturas. Até o presente momento, percebemos que a única denominação diferente que a imprensa alternativa recebia era de “nanica”, aqui, são



citadas as palavras *underground*, tropicalista, marginal, não-alinhada, emergente, poesia jovem dentre outras que a autora enumera.

Podemos perceber que muito da escrita de Patrícia Marcondes de Barros sobre a imprensa alternativa brasileira nos anos da ditadura militar é retirada do livro *Jornalistas e revolucionários* (1991) de Bernardo Kucinski<sup>7</sup>. Mas, continuando nossa análise iremos agora descrever como a autora conceitua este tipo de imprensa, a que ela atribui o seu surgimento, que características são próprias deste tipo de mídia, dentre outros questionamentos.

Em primeiro lugar Patrícia Marcondes de Barros (2003) comunga com o pensamento de Bernardo Kucinski (1991) no que diz respeito aos motivos que levaram à emergência ou ao surgimento da imprensa alternativa brasileira, durante as décadas de 1960 e 1970. E estes seriam: “O desejo das esquerdas de protagonizarem as transformações institucionais que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa.” (BARROS, 2003: 63). Mais uma vez, encontramos a resposta do surgimento da imprensa alternativa brasileira ligada aos movimentos de esquerda e aos jornalistas e intelectuais insatisfeitos com a grande imprensa.

Parte da “imprensa nanica” foi, segundo a autora, disseminada por publicitários e recebeu influência da contracultura norte-americana e do *new journalism*<sup>8</sup> que abordavam questões comportamentais e sociais sob um “novo olhar”. Este tipo de jornalismo (*New journalism*) deu às reportagens ares literários, devido a sua escrita deixar de ser objetiva e passar a privilegiar os aspectos subjetivos, as matérias eram uma espécie de narrativa literária, ganhou em estética, e fez com que a leitura dos jornais passasse, em certos casos, a ficar mais interessantes que alguns romances. Para Tom Wolfe, nesse tipo de jornalismo “A ideia era dar a descrição objetiva completa, mais alguma coisa que os leitores sempre tiveram de procurar em romances e concertos: [...], a vida subjetiva ou emocional dos personagens.” (WOLFE, 2005: 37)

Com relação ao objeto de nossa pesquisa, a autora afirma que: “O modelo ético-político da imprensa alternativa consistia no repúdio ao lucro e, em alguns jornais, até mesmo o desprezo por questões de administração, organização e comercialização.” (BARROS, 2003: 64). Este modelo ético-político, segundo Patrícia Marcondes de

---

<sup>7</sup> Autor que é a maior referência quando o assunto é imprensa alternativa e que será o último a ser analisado em nosso artigo.

<sup>8</sup> Sobre um maior entendimento acerca do *New Journalism* norte-americano, ver: (WOLFE, 2005).

Barros (2003), fez com que grande parte dos jornais da chamada imprensa alternativa ficassem no anonimato, já que não dispunham de capital para ampliar e nem manter seus alternativos e, conseqüentemente, também os levou ao fracasso e à falência.

Com relação à imprensa contracultural, a autora afirma que esta se concentrava nos grandes centros urbanos (RJ, SP, dentre outras) e teve como um dos trabalhos pioneiros a “coluna *Underground* (1969-1972), de Luiz Carlos Maciel, veiculada no seminário *Pasquim*, no Rio de Janeiro.” (BARROS, 2003: 64). Eram divulgadas, nesta coluna, ideias vinculadas à geração *beat*, aos *hippies*, aos movimentos *underground*. Além do *Pasquim*, outros jornais, como *A Flor do Mal*, *Navilouca*, *Rolling Stone* e *Bondinho* também seguiam esta mesma linha.

É interessante conhecermos este outro lado da imprensa alternativa ligada ao movimento contracultural porque é um segmento que deixa um pouco de lado as questões políticas e passa a privilegiar os aspectos culturais, tais como: música, literatura, sexo, drogas, comportamento, cinema, dentre outros. Neste ponto, imprensa alternativa contracultural, Barros (2003) nos oferece um estudo interessante e relevante, ampliando nosso conhecimento acerca deste segmento da imprensa alternativa.

Outra autora que aborda a imprensa alternativa e que, sem dúvida alguma, contribuiu com suas pesquisas para um melhor entendimento sobre esta temática é Maria Paula Nascimento Araujo. Em seu livro *A Utopia Fragmentada: As novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*, a autora escreve sobre alguns grupos de esquerda que estavam tentando modificar ou, como Araujo afirma, “reinventar a política”, e acaba por dar muita ênfase ao papel da imprensa alternativa dentro deste contexto, o que faz com que sua obra seja em grande medida uma ótima leitura e referência para os interessados em adentrar um pouco mais os conhecimentos acerca deste assunto.

Maria Paula Nascimento Araújo definiu a imprensa alternativa como sendo jornais que proliferaram notadamente no Brasil durante a década de 1970 e tinham como características em comum o “[...] formato tablóide ou minitablóide, muitas vezes de tiragem irregular, alguns vendidos em bancas, outros de circulação restrita, e sempre de oposição.” (ARAÚJO, 2000: 21). Estas características já foram mencionadas anteriormente por alguns autores analisados, mas devemos assinalar o fato de a autora afirmar que a imprensa alternativa era sempre de oposição; isso confere à imprensa alternativa, ao analisarmos esta citação, uma característica comum a todos esses jornais.

Há aqui um ponto singular o qual lhes confere uma identidade: nasceram para contestar. Araújo afirma ainda que:

[...]. Durante a ditadura, esses jornais questionaram o regime, denunciaram a violência e a arbitrariedade, expressando uma opinião e uma posição de esquerda num país que praticamente havia suprimido quase todos os canais de organização e manifestação política de oposição. (ARAÚJO, 2000: 21)

Mais uma vez podemos identificar a ditadura militar como sendo o principal motivo de contestação por parte da imprensa alternativa, que, ligada aos movimentos ou partidos de esquerda, não tinha e nem poderia ter representatividade, dentro do senado ou do governo brasileiro. Por isso se utilizava da “imprensa nanica” para expressar e divulgar suas ideias e seus descontentamentos contra o governo militar. A imprensa alternativa, segundo a autora:

[...] congregava jornais de vários tipos: a) jornais de esquerda (que se vinculavam tanto a jornalistas de oposição quanto aos partidos e organizações políticas clandestinas); b) revistas de contracultura (que reuniam intelectuais e artistas ‘alternativos’ ou ‘malditos’ – os que produziam fora do esquema comercial); e c) publicações de movimentos de bairro e, principalmente, um tipo específico de imprensa alternativa – aquela vinculada a grupos e movimentos de minorias políticas, como a imprensa feminista, a chamada ‘imprensa negra’, os jornais de grupos homossexuais organizados, as publicações indígenas etc.). (ARAÚJO, 2000: 21)

Além dos jornais alternativos, agora nos são apresentados as revistas contraculturais e as publicações de movimentos sociais como sendo ramificações da imprensa alternativa e que também tinham como características “estar de fora” dos grandes esquemas comerciais. Sobre as revistas contraculturais sabemos que estas tinham como preocupações centrais as questões ligadas ao comportamento, ao sexo, às formas de se vestir etc.

Com relação às publicações de movimentos sociais, esta é uma novidade em nossa análise, pois é a primeira vez que é citada a imprensa alternativa como sendo um instrumento de comunicação utilizado por negros, por feministas, por indígenas, por homossexuais, para divulgarem suas ideias, seus pensamentos, suas angústias, seus posicionamentos etc. Para Maria Paula Nascimento Araujo, tanto os jornais alternativos quanto as revistas contraculturais e as publicações de movimentos sociais apresentavam

“[...] uma diversidade interna muito grande – de conteúdos, de propostas e de posições.”  
(ARAÚJO, 2000: 22)

Dentre os jornais alternativos, segundo a autora, os que mais tiveram destaque foram aqueles influenciados direta ou indiretamente pelos partidos ou organizações de esquerda, os quais se encontrando na ilegalidade passaram a produzir vários pasquins, com o intuito de continuar lutando contra as arbitrariedades do governo militar, continuar lutando também pelo poder e se valendo dos jornais para expressar suas posições. Afinal:

Como bem aponta Kucinski, os jornais alternativos de esquerda representavam, de um lado, a busca de novos espaços por parte de jornalistas que se sentiam bloqueados em sua atividade crítica na chamada grande imprensa; de outro, a necessidade – que tocava a muitos intelectuais, artistas e estudantes universitários daquela época – de construir espaços de ‘resistência’ ao regime militar. (ARAÚJO, 2002: 22)

Para Araújo (2000), por conta destas características, a imprensa alternativa não representava apenas um fenômeno jornalístico, mas sim um fenômeno político, já que se constituía num instrumento de luta política durante aquele período. E os principais jornais alternativos foram: *Opinião*, *Pasquim*, *Movimento*, *Versus* e *Em Tempo*.<sup>9</sup>

A autora faz uma análise sobre estes jornais os quais irão nos servir para enumerar algumas características importantes acerca da imprensa alternativa. O *Pasquim*, por exemplo, era um misto de política, crítica social e comportamento, se utilizava de uma linguagem coloquial, inclusive de palavrões e chegou a ter uma tiragem de 200 mil exemplares. O *Opinião*, por sua vez, era um jornal com um perfil mais intelectual, vinculava matérias de autores de renome nacional e internacional.

*Movimento* e *Em Tempo* foram jornais que tinham como principais objetivos a divulgação das ideias das várias vertentes de esquerda, mas acabaram, por conta de brigas internas, como jornais partidários. O jornal *Versus*, quando de sua fundação, era um produto eminentemente cultural, mas com ação política; se preocupou em ser pluralista e inovador, tanto no campo político quanto no campo estético. Assim como o jornal *Movimento*, o *Versus* trazia em suas matérias algumas discussões teóricas com autores internacionais, tais como Gilles Deleuze, Félix Guattari e Michel Foucault. Utilizou-se da arte, principalmente de imagens, para transmitir mensagens, valorizava

---

<sup>9</sup> É importante salientarmos que esta é uma análise da autora, podendo, portanto, outros alternativos entrarem na lista dos principais jornais dependendo do olhar e da análise de outros historiadores.

temas ligados ao cotidiano, ao comportamento, à estética, às relações sociais e à sensibilidade. Por fim, acabou também como um jornal doutrinário.

Com relação aos jornais ligados aos movimentos sociais, a autora afirma que a maioria “[...] não era elaborada por jornalistas, nem por militantes, mas por pessoas diretamente vinculadas aos movimentos sociais que buscavam representar.” (ARAÚJO, 2000: 28). Formaram este tipo de imprensa as feministas, os negros, os estudantes, os homossexuais, dentre outros. Os principais jornais da imprensa feminista durante o período da ditadura militar foram: *Brasil-Mulher* (Paraná); *Nós Mulheres* (São Paulo) e *Mulherio* (São Paulo). Da imprensa negra mereceram destaque o *Tiçãõ* (RS); *Sinba* (RJ); *Koisa de Crioulo* (RJ) e o *Nêgo* (BA). No que diz respeito à imprensa gay, os que mais tiveram evidencia foram: *O Gente Gay* (RJ); o *Boca da Noite* (RJ) e *O Lampião da Esquina* (RJ). Para Araújo:

A imprensa alternativa, notadamente aquele tipo de imprensa portavoz de grupos e movimentos específicos e/ou de minorias (numéricas ou políticas), caracteriza-se como uma fonte diferente da grande imprensa. Não tem a mesma sistematicidade, a mesma tiragem, tampouco o mesmo público. Não tem o mesmo padrão de notícias, nem a mesma forma de apresentação. Não se preocupa em cobrir os acontecimentos diários, nem dispõe da mesma estrutura financeira. [...]. *Ela nos traz muito das ideias e da visão de mundo dos grupos que representa. [...]. Ela nos mostra suas idéias, suas propostas, suas concepções políticas originais; ela nos ajuda a definir os contornos dessa cena política alternativa e, sobretudo, ela nos dá a dimensão do processo de formulação dessas concepções políticas.* Esse tipo de imprensa nos permite, mais do que qualquer outra, perceber a tentativa de construção das identidades políticas fragmentadas – marca, como vimos, dos anos 1970 no Brasil e no mundo. (ARAÚJO, 2000: 32-33)

A imprensa alternativa não foi apenas instrumento político das esquerdas, representou muito mais do que isso, ela foi uma peça fundamental para os vários sujeitos sociais que ficaram à margem da sociedade, sujeitos que queriam ser vistos, conhecidos, ou melhor, reconhecidos; sujeitos que, além do reconhecimento, queriam ter seus direitos respeitados. Por conta disso, a imprensa alternativa também foi muito significativa para os grupos de minorias numéricas e políticas, como os negros, os homossexuais e as mulheres.

Encerrado as discussões em torno do livro *Utopia fragmentada* (2000) de Maria Paula Nascimento Araújo, finalmente iremos analisar a última obra historiográfica proposta em nosso artigo, que é *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa*

*alternativa*, de Bernardo Kucinski, considerado a maior referência, quando o assunto é imprensa alternativa, pois além de estudar sobre o assunto participou ativamente deste tipo de imprensa, durante os anos da ditadura militar. Muito do que será escrito agora foi citado anteriormente, já que Kucinski (2003) é leitura e referência indispensável àqueles interessados nessa temática.

Para início de discussão, Kucinski afirma que “durante os quinze anos de ditadura militar no Brasil, entre 1964 e 1980, nasceram e morreram cerca de 150 periódicos que tinham como traço comum a oposição intransigente ao regime militar.” (KUCINSKI, 2003: 13). Estes periódicos ficaram conhecidos como imprensa alternativa ou imprensa nanica. A nomenclatura nanica é devido ao formato tablóide, como anteriormente assinalado, o qual foi adotado por grande parte dos jornais alternativos. Estes jornais: “Em contraste com a complacência da grande imprensa para com a ditadura militar, [...] cobravam com veemência a restauração da democracia e do respeito aos direitos humanos e faziam a crítica do modelo econômico.” (KUCINSKI, 2003: 13)

A imprensa alternativa era, para o autor, um veículo de comunicação que destoava do discurso da grande mídia, inclusive por se opor ao discurso oficial. Por conta disto, eram perseguidos pelo aparelho militar e os considerados mais importantes eram tidos como inimigos e tinham que passar por uma censura prévia. “Editores d’O *Pasquim* permaneceram encarcerados por dois meses logo após o AI-5. Editores de *Resistência*, *Coojornal*, *Opinião* foram presos em ocasiões diversas. Algumas edições eram apreendidas, mesmo depois de filtradas pela censura prévia.” (KUCINSKI, 2003: 14)

Neste ponto podemos perceber o quanto a imprensa alternativa era incômoda para os militares, pois, algumas edições mesmo, depois de passarem pela censura prévia, ainda eram impedidos de circular. Isso nos sugere que este tipo de mídia tinha um poder de alcance e de influência considerável, já que era tão visada pela ditadura militar e seus aparelhos de repressão. Para Kucinski:

Havia, basicamente, duas grandes classes de jornais alternativos. Alguns, predominante políticos, tinham raízes nos ideais de valorização do *nacional* e do *popular* dos anos de 1950 e no marxismo vulgarizado dos meios estudantis nos anos de 1960. Em geral pedagógicos e dogmáticos, [...]. Revelavam novos personagens do nosso cenário, como os bóias-frias, protagonizaram em suas páginas os movimentos populares de reivindicações e de protesto e discutiam os temas clássicos das esquerdas, como o do *caminho da revolução brasileira* e as táticas e estratégias de oposição durante o longo processo de abertura. (KUCINSKI, 2003: 14)

Esta primeira classe de alternativos é praticamente utilizada pelos marxistas os quais encontravam nas páginas destes jornais uma oportunidade de apresentar às demais pessoas os princípios marxistas. Esta vertente da imprensa alternativa foi muito significativa já que além de discutir sobre a ideologia marxista, e os possíveis “caminhos para a revolução brasileira”, apresentava em suas páginas alguns sujeitos sociais que viviam à margem da sociedade, indivíduos que viviam, em certa medida, excluídos da história, sem rostos; a imprensa alternativa trazia para si a responsabilidade de divulgar as mazelas sociais e os protagonistas destas.

A outra classe de jornais tinha suas raízes justamente nos movimentos de contracultura norte-americanos e, através deles, no orientalismo, no anarquismo e no existencialismo de Jean Paul Sartre. Rejeitavam a primazia do discurso ideológico. Mais voltados à crítica dos costumes e à ruptura cultural, investiam principalmente contra o autoritarismo na esfera dos costumes e o moralismo hipócrita da classe média. Além de introduzirem no Brasil temáticas da contracultura, alguns de seus protagonistas experimentaram drogas, em especial o LSD, em busca de novos modos de percepção. (KUCINSKI, 2003: 15)

Este ponto já foi parcialmente discutido quando trabalhamos com o texto de Patrícia Marcondes de Barros (2003), porém vale lembrar que ela utilizou como uma de suas referências o livro *Jornalistas e revolucionários* (2003) de Bernardo Kucinski. Esta classe da imprensa alternativa ligada à contracultura é muito interessante porque vai apresentar o descontentamento de parcela da juventude do anos 1960-1970 com relação aos valores morais imprimidos neste período, contestando as maneiras de pensar, sentir e agir de grande parte da sociedade brasileira, além de criticar também o regime militar.

Sobre o surgimento da imprensa alternativa, vimos que tanto Barros (2003) quanto Araújo (2000) reproduziram o pensamento de Kucinski, o qual afirmou que este tipo de imprensa emergiu como um instrumento ligado às esquerdas do Brasil que almejavam protagonizar as transformações que propunham, bem como também nasceu do desejo de intelectuais e jornalistas por “espaços alternativos à grande imprensa e à universidade.” (KUCINSKI, 2003: 16). Os jornais alternativos acabaram se transformando em: “primeiro, instrumentos de resistência ou de uma revolução supostamente em marcha, depois, numa segunda fase, derrotado esse apelo, caminho de trânsito da política clandestina para a política de espaço público durante o período de abertura.” (KUCINSKI, 2003: 16)

A imprensa alternativa figurou realmente como um espaço de rearticulação política de militantes de partidos clandestinos de esquerda; desejava ser um instrumento democrático e participativo de luta política, embora acabasse se transformando em jornais partidários, sem espaço para discussões críticas acerca das várias vertentes marxistas; “nascia”, quase sempre, sem que fossem discutidas as questões de administração e as questões financeiras, por isso, a maioria não durava muito tempo<sup>10</sup>, aliás, havia certa aversão ao capitalismo, ou seja, o objetivo em geral não era o lucro, mas a divulgação de suas ideias.

E o que afirmou Kucinski sobre o desaparecimento da imprensa alternativa? A que Kucinski atribui o fim do ciclo alternativo? Em primeiro lugar, o autor atribui o final do ciclo alternativo a vários fatores e, dentre eles, podemos citar: a crônica debilidade econômica; pressões econômicas e atentados às bancas de jornais; as novas configurações sociais que estavam emergindo no início da década de 1980; a dispersão dos jornalistas que protagonizaram a imprensa alternativa, dentre outros.

Do ponto de vista econômico, a imprensa alternativa era débil. Todos os alternativos nacionais perdiam suas receitas de vendagem em banca porque não conseguiram criar uma alternativa de distribuição que os libertasse das comissões extorsivas cobradas pelos grandes distribuidores.

Em meados de 1977 começam os atentados a bomba contra jornais alternativos e contra bancas de jornais. Intermitentes durante um longo tempo, assumem o caráter de uma campanha a partir de junho de 1980, atingindo o apogeu em agosto, quando bancas de jornais em várias capitais são incendiadas e os jornaleiros começam a recusar jornais alternativos. (KUCINSKI, 2003: 174-175)

Estes fatores, dentre outros, como acabamos de citar, foram responsáveis, segundo Kucinski, pelo enfraquecimento e conseqüente desaparecimento nos anos 1980 da imprensa alternativa que emergiu durante os anos 1960 e 1970 no Brasil. As questões econômicas, as brigas internas nas redações por parte dos jornalistas de um mesmo jornal devido a divergências político-ideológicas, as novas configurações sociais, a apreensão de edições inteiras, a perda por parte da imprensa alternativa do monopólio do jornalismo crítico para a grande imprensa quando do período de “distensão lenta e gradual” da ditadura, todos esses fatores e outros mais vieram a contribuir para o fim do ciclo alternativo próprio dos anos 1960-1970 no Brasil.

---

<sup>10</sup> “Um em cada dois jornais não chegavam a completar um ano de existência. Vários ficaram apenas nos primeiros dois ou três números.” (KUCINSKI, 2003: 24)



## Considerações finais

O objetivo principal deste artigo foi investigar como parte da historiografia brasileira conceituou a imprensa alternativa que emergiu e atuou durante o período da ditadura militar no Brasil (1964-1984). E longe de querer esgotar esta discussão, trata-se apenas de um exercício em que tentamos traçar um levantamento bibliográfico mais recente a partir da análise do trabalho de alguns historiadores que se debruçaram sobre o impacto do *alternativo* enquanto imprensa não oficial no período da ditadura militar brasileira. Este artigo se constituiu também num esforço e numa tentativa de procurar conhecer um pouco mais sobre esta “imprensa nanica”, que, durante os anos em que os militares estiveram no poder, soube escapar das “armadilhas” do Estado, o qual procurava homogeneizar os discursos, “esconder as rachaduras”, acabar com a liberdade de pensamento, de expressão, um Estado que procurou “calar” os contrários, os dissonantes, as ameaças, principalmente as “vermelhas”.

E em nossa tentativa de percebermos como parte da historiografia caracterizou e definiu a imprensa alternativa brasileira é que chegamos à seguinte conclusão: a imprensa alternativa não obedeceu a um padrão pronto e acabado. Ela não foi uma espécie de jornalismo que seguia regras, não se tinha na “imprensa nanica” um modelo a ser fielmente seguido, imitado, copiado, era, antes de tudo, uma forma de contestação, um espaço de luta política, um veículo de comunicação que surgia como instrumento de reivindicação social.

A imprensa alternativa foi, em outras palavras, uma força midiática que lutou por mudanças, sejam elas no campo político, no campo cultural ou no campo comportamental; foi um discurso contra-hegemônico, antigovernista, um espaço alternativo onde jornalistas e intelectuais tiveram chance de escrever o que quisessem, tiveram chance de expor suas ideias, suas concepções de mundo, suas reivindicações, enfim, foi um espaço onde muitos tiveram a oportunidade de “vislumbrar” um pouco de *liberdade* num tempo em que a ditadura e seus aparelhos de repressão lutavam pelo seu fim.

Por fim, acreditamos que este nosso exercício de análise e de escrita, na medida do possível, respondeu algumas das questões levantadas neste artigo e temos plena consciência também de que é necessário muito mais do que essas poucas páginas para compreendermos melhor o que foi e o que significou a imprensa alternativa brasileira,

nos anos da ditadura militar, principalmente para os que dela participaram e para os que nela “vislumbraram” um espaço alternativo de luta política, um espaço de liberdade. Acreditamos porém, que este nosso esforço foi válido, já que refletimos acerca de uma temática que atualmente merece mais atenção e pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. *A modernização da imprensa: 1970-2000*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, 66p.

AGUIAR, Flávio. Imprensa alternativa: Opinião, Movimento e em tempo. In: MARTINS, Ana Luiza, LUCA, Tânia Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 233-247.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: FGV, 2000, 200p.

BARROS, Patrícia Marcondes de. “A imprensa alternativa brasileira nos ‘anos de chumbo’”. *Akrópolis*, Umuarama, v. 11, n. 2, p. 63-66, abr./jun., 2003.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2003, 441p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: autêntica, 2004.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Castelo a Tancredo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, 608p.

WOLFE, Tom. *Radical Chique e o Novo Jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, 245p.